

COMPARAR, COMPETIR, SOLIDARIZAR, COOPERAR: QUATRO RESPOSTAS À PRESENÇA DO OUTRO

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo e palestrante. Criador da Agrosafia. Camboriú, Santa Catarina.

RESUMO

O artigo examina quatro termos que costumam ser tratados como uma escala moral, da competição reprovável à cooperação virtuosa, e propõe outra leitura: são quatro respostas distintas à presença do outro, diferenciadas pelo que cada uma faz com a diferença alheia. Partindo da etimologia e de referências da filosofia e da sociologia, sustenta-se que a comparação é a operação de base, a competição é a comparação regulada por acordo, a solidariedade é o vínculo assimétrico que responde à falta, e a cooperação é o único desses movimentos que exige o outro como sujeito ativo e pactuante. Conclui-se que solidariedade sem horizonte cooperativo tende à dependência, e competição sem regra partilhada degenera em rivalidade.

PALAVRAS-CHAVE: comparação; competição; solidariedade; cooperação; cooperativismo.

1 INTRODUÇÃO

Os quatro termos são habitualmente organizados em uma escala moral que vai do vício à virtude, como se competir fosse o pecado e cooperar a redenção. Essa arrumação é confortável e falsa. Os quatro nomeiam respostas diferentes a uma mesma situação, a presença do outro, e o que os separa não é o grau de bondade, é o que cada um faz com a diferença alheia. A comparação transforma a diferença em hierarquia, a competição a transforma em disputa regulada, a solidariedade a transforma em falta a ser suprida e a cooperação a transforma em complementaridade produtiva. Compreender essa distinção evita tanto a demonização da disputa quanto a idealização ingênua da ajuda.

2 COMPARAÇÃO: A OPERAÇÃO DE BASE

Comparar vem de *cum* e *par*, colocar lado a lado para medir. É operação cognitiva inevitável e, em si, neutra: sem ela não há aprendizagem, referência nem juízo. Festinger demonstrou que a avaliação das próprias capacidades depende da observação dos semelhantes, sobretudo onde falta medida objetiva. O problema não está no ato de medir, está no que se mede. Quando comparo desempenho, aprendo. Quando comparo valor pessoal, adoço, porque transformo uma régua em identidade.

Girard levou a análise adiante ao mostrar que o desejo raramente é original: desejamos o que o outro deseja, e o modelo admirado torna-se obstáculo. Aí a comparação deixa de informar e passa a produzir rivalidade sem objeto próprio. É a forma mais silenciosa de perder a soberania sobre a própria vida, porque o critério do que quero passa a residir fora de mim.

3 COMPETIÇÃO: A COMPARAÇÃO SOB REGRA

Competir vem de *cum petere*, buscar junto, dirigir-se com outro ao mesmo ponto. A etimologia desmente a caricatura: na origem não há destruição do adversário, há convergência de esforços para um mesmo alvo. A competição é, tecnicamente, a comparação institucionalizada, submetida a três condições: regra conhecida, prêmio finito e adversário reconhecido como legítimo. Smith descreveu a força produtiva dessa disputa regulada, e a economia moderna se construiu sobre ela.

Quando qualquer das três condições cai, a competição degenera. Sem regra partilhada vira predação. Com prêmio que não é bem finito, mas o próprio valor da pessoa, vira humilhação organizada. Sem reconhecimento do adversário como legítimo, vira inimizade. A crítica correta, portanto, não recai sobre competir, recai sobre competir fora das condições que tornam a disputa civilizada.

4 SOLIDARIEDADE: O VÍNCULO ASSIMÉTRICO

Solidariedade vem de *solidus*, inteiro, e da expressão jurídica romana *in solidum*, que designa a obrigação pela qual cada devedor responde pela dívida toda. A raiz é severa e esclarecedora: solidário não é quem se comove, é quem responde pelo todo. Durkheim distinguiu a solidariedade mecânica, nascida da semelhança, da solidariedade orgânica, nascida da interdependência entre diferentes, e mostrou que sociedades complexas dependem da segunda.

A solidariedade é assimétrica por natureza. Ela responde a uma falta e não exige contrapartida, o que a torna indispensável diante da urgência, do desastre e da fragilidade. Essa mesma assimetria, porém, encerra o seu risco: prolongada além do tempo necessário, ela fixa um em posição de doador permanente e outro em posição de carente permanente. É a diferença entre socorrer e tutelar. A solidariedade que não aponta para a autonomia de quem recebe deixa de ser libertação e vira dependência com boa consciência.

5 COOPERAÇÃO: A ÚNICA QUE EXIGE PACTO

Cooperar vem de *cum operari*, operar junto. É o único dos quatro movimentos que exige o outro como sujeito ativo. Na comparação o outro é medida, na competição é

adversário, na solidariedade é destinatário. Somente na cooperação ele é coautor. Por isso a cooperação não sobrevive de sentimento: ela requer acordo explícito sobre quem faz o quê, em que prazo e com qual resultado. Antes do pacto não existe obra comum, existe apenas a expectativa unilateral de que exista, e daí nasce a maior parte dos ressentimentos em famílias, empresas e cooperativas.

Kropotkin reuniu ampla evidência de que o apoio mútuo é fator de evolução tão real quanto a luta pela existência, e Axelrod demonstrou, por simulação, que estratégias de reciprocidade prevalecem quando as interações se repetem no tempo. As duas conclusões convergem para o mesmo ponto prático: a cooperação se sustenta onde há continuidade da relação e memória do comportamento alheio. Não é altruísmo, é inteligência de longo prazo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatro termos não formam degraus de uma escada moral, formam um repertório. Comparar é inevitável e serve enquanto mede desempenho, não valor. Competir é legítimo enquanto houver regra partilhada e adversário respeitado. Ser solidário é urgente diante da falta, e maduro quando prepara a autonomia de quem recebe. Cooperar é o mais exigente dos quatro, porque só existe depois de combinado, e é também o único que produz algo que nenhuma das partes produziria sozinha. O cooperativismo, entendido assim, não é o contrário da competição nem uma versão organizada da caridade: é a decisão de tratar o outro como coautor e de escrever, em voz alta, o acordo que sustenta a obra comum.

REFERÊNCIAS

AXELROD, Robert. *A evolução da cooperação*.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*.

FESTINGER, Leon. *Uma teoria dos processos de comparação social*.

GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*.

KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua: um fator de evolução*.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Paixão pelo cooperativismo: linguagem essencial para estimular a participação*. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Relação do cooperativismo com a sucessão familiar: análises, desafios, lições e estratégias preditivas. In: *Cooperativismo e associativismo em Santa Catarina no contexto da imigração alemã no sul do Brasil*. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Se é só sobre dinheiro, não é cooperativa*. Disponível em: www.loterio.com.br.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*.

Demais obras, artigos e postagens do autor estão reunidos no portal www.loterio.com.br. Contato para palestras e cursos: ainorfloterio@gmail.com, WhatsApp (47) 99967-5010.